

POSSIBILITANDO A AUTO-ESTIMA DOS (AS) ALUNOS (AS) NEGROS NO MUNICÍPIO DE ALAGOA GRANDE A PARTIR DE JACKSON DO PANDEIRO

Maria Adriana Chaves do Nascimento Rodrigues (UEPB/CH/NEABÍ)
adriana.historiauepb@gmail.com

Orientador: Dr. Waldeci Ferreira Chagas – (UEPB/CH/DGH/NEABI)

INTRODUÇÃO

Em nossa contemporaneidade ainda podemos observar o discurso de que o racismo no Brasil não existe. Muitos acreditam na idéia de que o problema no nosso país é a disparidade entre pobres e ricos, ou seja, apenas social, de classe. Mas uma análise mais profunda deve ser feita sobre quem são os pobres, ou seja, quem é que vive à margem da sociedade. Após essa compreensão veremos que são os (as) negros (as) as vítimas de toda essa disparidade, vítima de um vilão, chamado “democracia racial”. Ora, mas que democracia é essa, se todos são iguais por que a grande diferenciação social entre brancos e negros? A questão primordial das desigualdades é acreditar na dita democracia, que não existe e nunca existiu no Brasil. Pois para o negro sempre foram “reservados” os piores lugares na sociedade brasileira, como afirma Santos (2002, p. 3):

Ser negro no Brasil hoje é, pois, com frequência, ser objeto de um olhar enviesado. A chamada boa sociedade parece considerar que há um lugar predeterminado, lá em baixo, para os negros e assim tranqüilamente se comporta. Logo, tanto incomodo haver permanecido na base na pirâmide social quanto haver “subido na vida”.

No entanto, ao negro (a) o direito de se constituir cidadão nesta sociedade onde a cor da pele era um dos principais referenciais para que esse sujeito fosse aceito ou marginalizado, foi um entrave, pois em torno do indivíduo negro foram criados estereótipos que se cristalizaram na opinião pública de que o negro era vadio, preguiçoso e insolente e que o fracasso dos negros (as) dava-se por suas próprias deficiências. Mas, com estas estratégias de coerção social, o negro não deixou de criar mecanismos para se integrar à sociedade, não aceitando de forma passiva e apática essa situação, procuraram explorar as possibilidades abertas pela legislação imperial

buscando na justiça o direito à liberdade. Os negros sempre estiveram presentes de forma ativa e dinâmica na busca de sua libertação, e não esperando somente ser visto pelo benefício dos abolicionistas como a historiografia brasileira relata. Desta feita concordamos com José Honório Rodrigues. *“a abolição da escravidão não foi uma dádiva dos senhores, mas sim uma conquista de escravos ajudados por aqueles cuja consciência iluminada o fez servir desinteressadamente à história.”*

Sendo assim, se faz necessário criar referenciais negros positivos para discutir e pensar no espaço escolar a importância desses negros e negras na construção da nossa identidade. Nossa pesquisa tem como objeto de estudo José Gomes, conhecido como Jackson do Pandeiro. O campo da nossa pesquisa foi uma análise feita ao Memorial Jackson do Pandeiro em Alagoa Grande e também numa bibliografia específica sobre educação e racismo.

RIQUEZA E CULTURA NEGRA: HERANÇA DE UM POVO

A riqueza cultural da população negra é composta de bens materiais e imateriais, que são expressões dessas comunidades, nos mais diferentes aspectos: objetos, costumes, canções, rituais encontrados na religião, na culinária, nos modos de tecer e de vestir-se. O negro usou todas as possibilidades possíveis de inserção seja através da alimentação, vendendo seus quitutes A nas feiras livres, com as ervas devido ao seu conhecimento medicinal, no artesanato, na arte, na religião, enfim no corpo com as danças e músicas que trazia o cotidiano e a luta dos negros em afirmar-se enquanto cidadãos ativos na construção de sua negritude. Discriminados pelas elites religiosas e sociais e sob intensa repressão da polícia desse período. O preconceito racial e regional sempre foi uma constante para aqueles que queriam divulgar suas raízes de matriz africana, desta forma o negro passou a criar estratégias de aceitação, ou seja, a partir das músicas e ritmos a cultura afro brasileira e nordestina passou a ser conhecida nacionalmente.

CONSTRUINDO REFERENCIAIS NEGROS POSITIVOS A PARTIR DE JACKSON DO PANDEIRO

José Gomes, semi-analfabeto e negro, conseguiu superar as adversidades tendo como base exclusivamente seu talento exclusivo com os ritmos, chegando a ser recordista de público e venda nas décadas de 50 e 60. Uma febre *jacksiniana* tomou conta das rádios e tevês há 30 anos, embaladas pelos forrós, sambas, cocos, frevos, rojões, maracatus e outros estilos, magistralmente massificados por um dos mais completos músicos brasileiros de todos os tempos. nasceu no dia 31 de agosto de 1919, em Alagoa Grande, Paraíba. Cantor, instrumentista e compositor conhecido como Jackson do Pandeiro, filho do oleiro (fazedor de tijolos) José Gomes e da cantora de coco pernambucana Glória Maria da Conceição mais conhecida pelo nome de Flora Mourão. Aos sete anos, Jackson tocou zabumba pela primeira vez para acompanhar sua mãe nos cocos. Aos oito anos, além de tocar zabumba. Passou a acompanhar sua mãe nas festas de Alagoa Grande. Devido ao falecimento de seu pai em 1932, José muda-se para Campina Grande (a pé) aos treze anos. Nasce o quarto filho de Dona Flora, Geraldo, filho de Zé Piroca. Jackson começou a trabalhar desde cedo para ajudar na renda da família, precisando fazê-lo ainda mais após a morte de seu pai. Sua história reforça a influência da cultura negra na música nordestina. Ao chegar a Campina Grande trabalhou como entregador de pão na Padaria São Joaquim, engraxate e prestava pequenos serviços na feira local. Desde cedo José Gomes despertou seu lado artístico, tendo como referencial sua mãe Flora Mourão, Jack depois chamado Jackson sempre foi um amante da música e também do cinema adorava os filmes de faroeste, em especial do personagem Jack Perry de onde veio o apelido de Jack. Com o passar dos anos essa paixão pela cultura de sua terra só aumentou, ou seja, dos ritmos. Um autodidata que nunca teve um professor para ensinar tudo que sabia, na verdade nasceu artista criando seu próprio estilo musical, queria na verdade ser sanfoneiro, mas como uma sanfona custava muito caro ficou muito feliz quando recebeu de sua mãe um pandeiro, seria aquele instrumento a porta que levaria o nome de Jackson para todo o país. Recebe sua primeira oportunidade para trabalhar como baterista no clube Ipiranga substituindo o baterista do conjunto que animava os bailes. Sendo efetivado como baterista e ritmista, atuando em diversas festas da cidade, ele impressionava ao tocar fluentemente nos lugares aonde chegava. Campina Grande tornou-se pequena para tanto talento decide mudar-se para a capital João Pessoa onde toca nas noites pessoense em especial na Rua Maciel Pinheiro. Passando a ser

contratado para o regional da rádio Tabajara. Jack a cada dia torna-se mais popular, tornando-se um furacão na música popular brasileira, cantando todos os ritmos nordestinos. Concordamos com José Avelar Freire quando diz: *“Jackson do Pandeiro nasceu artista. Aos 12 anos começou a tocar pandeiro. Não teve professor e tudo que aprendeu foi por intuição, até se tornar um dos maiores profissionais do mundo musical. Criou seu estilo próprio”* (1998, p.112)

Jack sente a necessidade de sair da Paraíba para tentar levar sua música e ritmos a outros territórios então viaja para Recife em 1948, sendo Lá contratado pela rádio Jornal do Comércio, que estava sendo inaugurada, conheceu na época Rosil Cavalcante, com quem fez a dupla Preto e Branco, detalhe: Jackson pintava-se de branco e era o “leite” e Rosil pintava-se de preto e fazia o papel de “café”. Agora por necessidade de um nome mais impactante para a mídia foi preciso mudar seu apelido de Jack para o pseudônimo de Jackson. Fazendo grande sucesso com músicas nordestinas e eventos de carnaval. Conhece em Recife a cantora e dançarina de rumba Almira Castilho de Albuquerque, com quem fez uma dupla de música e de fato. Casaram-se em 1956, vivendo com ela durante doze anos de matrimônio até 1967. Almira funcionária do Rádio Jornal do Comércio, ex-professora primária. Nas apresentações, formavam uma unidade: ela, com danças envolventes e sensuais; ele, sendo Jackson do Pandeiro, Jackson foi muito apaixonado por Almira e a prova dessa parceria incondicional foi que ele colocou diversas músicas no nome dela. Nas apresentações deles as cenas era envolvida com roupas coloridas e alegres, tal quais as dos ex-quilombolas de sua infância. O sucesso veio com óbvia naturalidade. Primeiro no Norte e Nordeste; depois, em todo o País, com a gravação do primeiro disco pela Copacabana.

Após essa experiência na cidade de Recife Jackson do Pandeiro decide Transferir-se para o Rio de Janeiro, lá grava seu primeiro disco pela Copacabana 78rp a coco Sebastiana de Rosil Cavalcante e o Forró em Limoeiro de Edgar Ferreira. O primeiro LP foi um sucesso, a aceitação foi imediata e com tanta aceitação se decide gravar o segundo LP com O Rojão 1 X 1 (Edgar Ferreira) e o coco A Mulher do Aníbal (Genival Macedo / Nestor de Paula), fez muito sucesso ainda mais que o primeiro e Jackson decide viajar de navio para o Rio de Janeiro, já que tinha pavor da idéia de sequer embarcar num avião. Após três dias a bordo do fabuloso Vera Cruz, Jackson do

Pandeiro e Almira Castilho chegaram ao Rio de Janeiro em 18 de abril de 1954, fazendo sucesso com a música Forró em Limoeiro, na época, um campeão de vendas de discos, como dupla artística com Almira, porém só casam-se em 1956. Jackson e Almira separam-se e ele casa mais uma vez dessa vez com uma baiana de nome Neuza Flores dos Anjos, separando-se também dela antes de morrer.

Dos seus sucessos, podemos destacar algumas músicas que foram sucesso em sua trajetória artística: O Canto da Ema (Aires Viana), Chiclete com Banana (Gordurinha), Zum- Zum (José Dias e Wilton Ferreira) Vou Gargalhar (Edgar Ferreira), Vou Ter Um Troço (Arno Provenzano e Otolindo Lopes) entre outros. Após tanto sucesso Jackson começa a declinar por inúmeros fatores dentre alguns o advento da jovem guarda, cai no esquecimento e passa a morar no subúrbio do Rio de Janeiro. Durante 54 anos de trajetória artística grava mais de 400 canções, desde o *bolachão* de 78 rotações a discos mais modernos. Morreu pobre e quase esquecido da mídia, gravadoras e produtores.

Em 1982, Jackson do Pandeiro que era diabético, morreu aos 62 anos durante uma turnê, em Brasília, em decorrência de complicações de embolia pulmonar e cerebral. Ele tinha participado de um show na cidade uma semana antes e no dia seguinte passou mal no aeroporto antes de embarcar para o Rio de Janeiro e foi levado para o hospital, morrendo algumas horas depois. Foi enterrado no cemitério do Caju no Rio de Janeiro com a presença de músicos e compositores populares.

Pensar a história de Jackson do Pandeiro é perceber como foi difícil sua ascensão na pirâmide social. Com as leituras feitas entendemos que o preconceito racial e regional acompanha esse grande ícone em todo seu caminho artístico. Em sua cidade natal, Alagoa Grande, Jackson do Pandeiro, de acordo com José Avelar só foi convidado para apresentar-se uma única vez entre os anos de 1945 ou 1946 em uma festa junina promovida por João Nóbrega Montenegro em um pavilhão armado em frente do teatro Santa Ignês.

Numa entrevista exibida num documentário da TV Cultura Jackson afirma:

... Eu sou da Paraíba meu camarada, tem muita gente que pensa que eu sou pernambucano, outros pensam que eu sou baiano você sabe como é todo crioulo pensa logo que é da Bahia, não sou. Eu sou da Paraíba de Alagoa Grande... A minha cidade rapaz eu vou te contar não sei se melhorou não porque eu acho que já faz 900 anos que eu saí de lá, mas eu até gostava de lá entende nego vei porque tinha o trem, nas outras vizinhas não tinha e as lagoas pra gente pescar entendeu? Passei uma fome da bexiga lá por isso não quero voltar lá entendeu? Trabalhar na enxada é o que tinha lá em Alagoa Grande outra coisa mais não tem ai eu fui para Campina Grande...

Jackson afirma ser alagoagrandense desfazendo alguns rumores que se cogitava que o mesmo se negava ser, porém ele conclui sua fala dizendo que não queria voltar mais a terra que padeceu tanta fome “... É explicito que Jackson se deparou com diversos entraves em Alagoa Grande, talvez a falta de oportunidade de crescer enquanto artista da terra. Sem escolaridade a vida tornou-se ainda mais difícil, na cidade havia uma escola de música em que poucos privilegiados tiveram acesso a algum ensino formal de música. Porém esse não foi o caso de Jackson aprendeu o que sabia apenas de olhar e ouvir, era um artista nato. A pobreza, a falta de escolaridade, de formação musical não foram empecilhos para esse menino negro, que nasceu para o sucesso.

Alagoa Grande possui hoje o Memorial Jackson do Pandeiro fundado no dia 19 de dezembro do ano de 2008 às 16h, instalado na Rua Apolônio Zenaide, 687, bem no centro da cidade. Além do Memorial, agora quem chegar a Alagoa Grande tem que atravessar um gigantesco pórtico em forma de pandeiro, instalado na entrada da cidade, circundado por uma placa proporcional ao monumento, com os dizeres: “Alagoa Grande – Terra de Jackson do Pandeiro”. No memorial o visitante encontra discos, objetos, documentos, fotografias, vestuários, entre centenas de peças, como também seus restos mortais que foram trazidos do Rio de Janeiro para seu memorial. Reunidos por familiares, amigos, colecionadores, pesquisadores e artistas, estarão em permanente exposição, a partir da data de inauguração. Tem sido bastante visitado por escolas de todo o Brasil, pesquisadores, como também por estrangeiros vindos de vários países europeus. Os alagoagrandenses orgulham-se de ter como referencial um negro que conseguiu através de sua música receber o título nacional do Rei do Ritmo e o reconhecimento da sua contribuição para a música popular brasileira.

REFERÊNCIAS

FREIRE, José Avelar. Alagoa Grande: sua História - João Pessoa: Idéia, 1998.

JACKSON DO PANDEIRO. **Para sempre**. Coordenação do projeto: Sônia Antunes e Maurício Dias. Emi: Brasil, p. 2001. 1 CD. Remasterizado em digital.

GASPAR, Lúcia. Jackson do Pandeiro. Pesquisa Escolar On-Line, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br>>. Acesso em: 01 de Maio 2011.

Mosaicos "A Arte de Jackson do Pandeiro" Disponível em: TV Cultura http://www.youtube.com/watch?v=kOxE_1pXiDU acesso em: 01 de maio de 2011

RODRIGUES, José Honório. A rebelde negra e a abolição, em História e historiografia. Petrópolis, 1970, p. 67. IN: CONRAD, Robert. **Os últimos anos da escravidão no Brasil, 1850 – 1888**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2ª Ed, 1978, p. 18.

SANTOS, Milton. Ser negro no Brasil hoje. In: **O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania**. São Paulo: Publifolha, 2002.